

UBUNTU: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA FILOSOFIA AFRICANA EM CONTRAPOSIÇÃO A TRADICIONAL FILOSOFIA OCIDENTAL

UBUNTU: CONSIDERATIONS ABOUT AN AFRICAN PHILOSOPHY AGAINST TRADITIONAL WESTERN PHILOSOPHY

Regina Coeli Araújo Trindade Negreiros¹

Recebido em: 07/2019

Aprovado em: 09/2019

Resumo: O presente artigo se propõe a questionar o estatuto da filosofia e entender o caminho pelo qual a filosofia africana foi colocada à margem do conceito da tradicional filosofia ocidental, destacando alguns pontos onde elas se opõem ou se distanciam e, a partir disso, ressaltar a sua importância. Nesse arcabouço da filosofia africana destaca-se a utilização do termo Ubuntu, que é considerado um dos termos fundadores da filosofia ética africana e que representa uma práxis sócio-cultural, espiritual e política, utilizado para conceituar a filosofia que permeia a convivência social, estabelecendo uma ética comunitária que aponta para um caráter complexo de uma filosofia que é imanente e, ao mesmo tempo, transcendente ao indivíduo, estando relacionado tanto ao humano quanto ao não-humano² através de sua concepção de uma existência biocêntrica³ e ancestral, estando ligada ao sensível e ao inteligível concomitantemente, fato este que se choca com o conceito elegido pelo pensamento filosófico eurocêntrico. Para alcançar o objetivo pretendido utilizou-se o método filosófico para revisar conceitos e a própria história da filosofia através de importantes nomes no ocidental através de pesquisa exploratória com fulcro bibliográfico e uma abordagem que parte da especulação filosófica e histórica, utilizando os principais nomes da filosofia africana e da história da filosofia no ocidente.

Palavras-chaves: Filosofia; Filosofia africana; Ubuntu; Africanismo; Eurocentrismo

Abstract: This article intends to question the status of philosophy and to understand the way in which African philosophy was placed outside the concept of traditional Western philosophy, highlighting some points where they oppose or distance themselves and, from this, highlight their importance. In this framework of African philosophy stands out the use of the term Ubuntu, which is considered one of the founding terms of African ethical philosophy and represents a socio-cultural, spiritual and political praxis, used to conceptualize the philosophy that permeates social life, establishing a community ethics that points to a complex character of a philosophy that is immanent

¹ Graduada em Filosofia, Mestra e Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Pesquisadora do grupo Raízes, liderado pela professora Dra. Dilaine Soares Sampaio - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre religiões mediúnicas (CNPq-UFPB), na linha de Religiões afro-brasileiras: aspectos míticos, rituais e simbólicos; história, discursividades, sincretismos, hibridismos. Contato: reginatrinadeneigreiros@gmail.com

² Cf. Latour, 2016, para entender melhor o conceito de não-humanos.

³ Conforme Kakozi (2018), é uma ética contrária ao antropocentrismo, baseada na preocupação com o outro e principalmente no respeito para com os animais não-humanos, estando sempre voltada para fortalecer, cuidar, gerar e transmitir a vida, respeitando todos os seres vivos, humanos e não humanos e tratando os ancestrais como elo de ligação entre os vivos, os mortos e os que ainda não nasceram. É uma concepção oposta ao antropocentrismo, onde todas as formas de vida são igualmente importantes.

and at the same time transcendent to the individual, being related to both human and non-human through its conception of a biocentric and ancestral existence, being linked to the sensitive and the intelligible concomitantly, a fact that clashes with the concept chosen by Eurocentric philosophical thought. To achieve the intended objective, the philosophical method was used to revise concepts and the history of philosophy itself through important names in the west through exploratory research with bibliographic focus and an approach that starts from philosophical and historical speculation, using the main names of African philosophy and the history of philosophy in the West.
Words-key: Philosophy; African philosophy; Ubuntu; Africanism; Eurocentrism.

Introdução

A negativa de uma filosofia africana é algo sintomático de uma sociedade eurocêntrica, intolerante e opressora, cuja principal atividade migratória deu-se através de um processo de escravatura, de uma diáspora cruel, permeada pelo genocídio, pelo etnocídio e pelo epistemicídio dos povos do continente africano que, conforme o historiador e sociólogo moçambicano Carlos Serra (2015), deu-se a partir de uma conversão social cujo trajeto converteu-se infraculturalmente. Segundo ele, “a conversão racial foi acompanhada pela conversão infracultural. Povos sem história, povos sem espírito, povos prisioneiros do hedonismo, do sexo, da bebida, da dança e da magia – assim foram havidos os colonizados” (SERRA, 2015, p. 8). Esse trajeto de conversão infracultural também foi caracterizado pela exotização e domesticação das diferenças, da cultura, da religiosidade, negando a etnicidade⁴ e a própria episteme. Mas, mesmo fragmentada e combalida, a cultura, a filosofia e muito da religiosidade, sobreviveu à violência física, moral e intelectual a que o povo negro foi – e ainda é – submetido.

Nesse contexto de uma filosofia africana destaco a relevância da palavra Ubuntu, termo caro à cultura dos países subsaarianos e utilizado com muita força por Desmond Tutu e Nelson Mandela. O termo está relacionado à humanidade, cooperação, respeito, acolhimento, generosidade, existindo como um ethos comunitário, pois representa as ações que realizamos em sintonia com nós mesmos na busca do nosso bem estar e de todos à nossa volta, no sentido de alteridade, comunidade, espiritualidade, se relacionando com o passado e com o ciclo das existências futuras, portanto, com a ancestralidade.

Essa breve exposição remete à necessidade de aprofundamento no campo de estudo da filosofia africana e, por isso, esse artigo se propõe a questionar o estatuto da filosofia ocidental e entender o caminho pelo qual se colocou à margem o conceito da filosofia africana, os

⁴ Cf. SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade*. Salvador: Ed. EDUFBA/Pallas, 2004.

pensadores e a própria história de uma epistemologia africana, trazendo à tona o conceito de Ubuntu, termo basilar da filosofia da parte subsaariana daquele continente, segundo os pensadores pesquisados.

Metodologia

O conhecimento filosófico distingue-se do científico pelo objeto de investigação e pelo método. O objeto da filosofia é constituído de realidades imediatas, não perceptíveis pelos sentidos que ultrapassam a experiência. Nesse contexto, é importante para fundamentação de um trabalho de cunho filosófico a sua fundamentação teórica, a leitura crítica e dialógica, por isso, para a realização do presente trabalho, utilizei o método filosófico para revisar os conceitos e a historicidade, a partir de pesquisa exploratória com fulcro bibliográfico, através de uma abordagem que parte da especulação filosófica e histórica, utilizando os principais nomes do pensamento filosófico eurocêntrico, da filosofia africana e da história da filosofia no ocidente para questionar o que cabe no guarda-chuva epistemológico da filosofia acadêmica ocidental.

Fundamentando a Filosofia Africana através de um breve estado de arte:

Reza a tradição⁵ que o berço da filosofia teria sido os poemas homéricos, que eram para os gregos o que lhes despertava à reflexão e à fantasia, pois não buscavam apenas narrar fatos, mas também explicá-los, embora de forma um tanto quanto fantasiosa, o que para a época, era plausível.

Os primeiros filósofos são chamados pré-socráticos e estes relacionavam geralmente a filosofia a elementos da natureza, embora não fosse uma regra, mas esse elo ao longo dos séculos foi se apartando da filosofia. Alguns nomes são importantes para situar esse período, como Tales de Mileto que postulava que o princípio de todas as coisas era a água ou Anaximandro que pensou como princípio o ‘*apeiron*’, algo indefinido e que em nada se relacionava com os quatro elementos da natureza. Também Anaxímenes que tomou o ar como princípio de todas as coisas e Empédocles que criou a teoria dos quatro elementos de onde tudo derivava ou Parmênides que criou o princípio da identidade ao afirmar que ‘o ser é; o não ser não é’. Chegamos então em Pitágoras de Samos, que viveu no séc. V a.C., a quem é atribuído

⁵ Cf. REALE, 2003.

o termo ‘Filosofia’, fato esse que não é historicamente verificável. Ele criou o conhecido ‘teorema de Pitágoras’ e afirmava o oposto de Parmênides: ‘o ser é o não ser’. Ele acreditava que tudo se reduzia a números e conjecturou que as coisas possuem distinções entre elas devido a diferença quantitativa e numérica. Viveu no Egito por quase duas décadas e lá, impressionado com as pirâmides, desenvolveu o seu famoso teorema (Kamers, 2008).

O Egito, aliás, trouxe muitas contribuições para a ciência, a filosofia e a cultura. No que tange a filosofia, Rosa (2017) afirma que existia uma palavra que era equivalente ao termo grego filosofia: *Rekhet*, que segundo a autora, era a filosofia existente antes da própria filosofia Grega. Ela afirma que a filosofia “nos tempos do antigo Egito faraônico era uma espécie de atividade pedagógica de ensinamento da sabedoria (*sebayt*) dos antigos sábios, que eram estudiosos, sacerdotes, oficiais e altos funcionários ao mesmo tempo” (ROSA, 2017, 48 apud OBENGA, 2004, p. 33). Independente desses fatos, a Filosofia ocidental se desenvolveu e construiu seus pilares dentro de uma hermenêutica totalmente voltada para o ocidente, excluindo qualquer possibilidade de pensamento filosófico fora desses muros construídos, excluindo de si outros conhecimentos e possibilidades de coexistência nesse mesmo espaço do conhecimento de sua tradição estabelecida, inclusive negando a existência da filosofia africana, descontextualizando-a para o ocidente e no ocidente.

Alguns autores como Carlos Serra (2015), Victor Kajimbanga (2015), Flor do Nascimento (2016), dentre outros, consideram essa indiferença pela filosofia produzida no continente africano como um ‘apartheid’⁶ epistemológico fruto do colonialismo que, por sua vez, “foi, fundamentalmente, uma produção de motricidade, de corpos baratos, produtores de matérias-primas para exportação” (SERRA, 2015, p. 8), apagando do mapa da humanidade, de forma desumana, através de um verdadeiro epistemicídio, matando primeiro o conhecimento para em seguida aniquilar os corpos.

Segundo Serra (2015), embora não haja mais o colonialismo, alguns dos hábitos coloniais perseveram corroendo os traços de humanidade, pois, “apesar de terem desaparecido as relações de produção coloniais, algumas de suas ideias, podem sobreviver, como se sem história” (SERRA, 2015, p. 9). Em meio a todo esse conflito pós-colonial, há uma “africanidade que se esforça, ainda hoje, para encontrar os seus trilhos históricos, a sua identidade descolonizada, a sua humanidade respeitada, o seu futuro diferente” (SERRA, 2015, p. 9).

Essa hegemonia eurocêntrica a partir da segunda metade da década de 1940 começa a

⁶ Foi um sistema de segregação da população negra, que vigorou entre 1948 e 1994, comandado pela minoria branca na África do Sul e que exigia a segregação racial.

ser questionada, tornando visível outras culturas, outros saberes, bem como a racionalidade científica (KAJIMBANGA, 2015), com vistas à pluralidade epistemológica, resultando em uma luta pela desdogmatização dos saberes hegemônicos, pela descolonização conceitual filosófica e científica, indo de encontro a declaração de Hegel que “a filosofia autêntica começa só no ocidente” (HEGEL, 1970, p. 190). Essa desdogmatização é necessária para se entender as especificidades, as peculiaridades, e não generalizar o conhecimento e sua sistematização. Esse entendimento parece um percurso de volta, mas na verdade é de ida, pois, conforme Flor do Nascimento (2016, p. 208), “As mesmas histórias que nos constituem, nos situam, nos transportam, nos capturam, podem nos libertar” e esse é o sentido da filosofia, libertar as pessoas dos grilhões da caverna para conhecer o mundo fora dela⁷.

Nesse trajeto do pensamento africano, um conceito importante e caro para a cultura no continente, especialmente nos países do sul da África, é o Ubuntu, que “seria a expressão do princípio fundamental de toda a existência de modo inexoravelmente interconectado e interdependente, para o qual nada teria sentido ontológico, epistemológico, ético ou estético se existisse isoladamente” (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 209).

É sobre essa cosmovisão que muda a direção do olhar em relação à filosofia que precisamos nos debruçar para entender o ponto de distanciamento entre os extremos dessa mesma reta e perceber que, na verdade, elas convergem em muitos pontos, apesar da negação por parte da academia ocidental eurocêntrica que sempre tratou a África como um continente sem importância e sem história epistemológica, sustentando que tudo é totemismo e fetichismo⁸.

Em uma linha histórica da filosofia ocidental é fácil perceber essa negação através de Hegel (2001), por exemplo, que descreveu o continente Africano como sendo um lugar sem ingredientes civilizatórios e que não tem interesse histórico próprio, um lugar em que os homens vivem na barbárie e na selvageria, sem nenhum vestígio de civilização. Para ele, o continente permaneceu isolado e lacônico em sua história.

Africa proper, as far as History goes back, has remained — for all purposes of connection with the rest of the World — shut up; it is the Gold-land compressed within itself — the land of childhood, which lying beyond the day

⁷ Cf.: PLATÃO, 1997.

⁸ Cf.: LATOUR, 2002.

of self-conscious history, is enveloped in the dark mantle of Night⁹ (HEGEL, 2001, P. 109).

Não bastasse essa degradação, o autor considera o negro africano como o estado bruto da humanidade, algo como um personagem em desarmonia com o restante do mundo, um animal irracional com forma humana.

The peculiarly African character is difficult to comprehend, for the very reason that in reference to it, we must quite give up the principle which naturally accompanies all our ideas — the category of Universality. In Negro life the characteristic point is the fact that consciousness has not yet attained to the realization of any substantial objective existence — as for example, God, or Law — in which the interest of man's volition is involved and in which he realizes his own being. This distinction between himself as an individual and the universality of his essential being, the African in the uniform, undeveloped oneness of his existence has not yet attained; so that the Knowledge of an absolute Being, an Other and a Higher than his individual self, is entirely wanting. The Negro, as already observed, exhibits the natural man in his completely wild and untamed state. We must lay aside all thought of reverence and morality — all that we call feeling — if we would rightly comprehend him; there is nothing harmonious with humanity to be found in this type of character¹⁰ (HEGEL, 2001, P. 111).

Esses saberes tidos e havidos no ocidente como hegemônicos também são perceptíveis em textos como os de Immanuel Kant que, na obra ‘Observations sur le sentiment du beau et du sublime’¹¹, segundo Somet (2016)¹², traz a imagem dos negros como indivíduos pueris, e os classifica como idólatras, fetichistas e tagarelas, dentre outras coisas. Consultando a obra de Kant, nos deparamos com a afirmação:

⁹ Trad. Livre: África, na medida em que a História remonta, permaneceu – por todos os propósitos de conexão com o resto do mundo - calada; é a terra de ouro comprimida em si mesma - a terra de infância, que está além do dia da história auto-consciente, está envolvido no manto escuro da Noite.

¹⁰ Trad. Livre: O caráter peculiarmente africano é difícil de compreender, por a própria razão que, em referência a isso, devemos desistir completamente princípio que naturalmente acompanha todas as nossas ideias – a categoria de Universalidade. Na vida dos negros, o ponto característico é o fato de que a consciência ainda não alcançou a realização de qualquer existência objetiva substancial - como, por exemplo, Deus, ou alguma Lei - em que o interesse da vontade do homem está envolvido e em que ele percebe seu próprio ser. Essa distinção entre ele mesmo como um indivíduo e da universalidade de sua essencial do africano uniforme, subdesenvolvido na unidade de sua existência ainda não chegou; de modo que o conhecimento de um Ser Absoluto, um Outro e Superior ao seu eu individual, é totalmente esperado. O negro, como já observado, exibe o homem natural em seu estado completamente selvagem e indomável. Nós devemos deixar de lado todo o pensamento de reverência e moralidade - tudo o que chamamos sentimento - se nós o compreendêssemos corretamente; não há nada harmonioso com a humanidade para ser encontrado neste tipo de personagem.

¹¹ Trad. Livre: Observações sobre o sentimento do belo e do sublime.

¹² SOMET, Yoporeka. A África e a filosofia. Revista Sísifo – v. 1, nº 4, Novembro. 2016. Disponível em: www.revistasisifo.com. Acesso em 11 jan. 2019.

Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do pueril. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, constantemente ele constata que, mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo a cor. A religião fetichista, largamente difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria que se enraíza tanto na puerilidade quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, um chifre de uma vaca, um búzio, ou qualquer outra coisa ordinária, desde o instante em que esta coisa seja consagrada por certas palavras, é um objeto de veneração e invocada em juramentos. Os negros são muito vaidosos, mas à maneira negra, e tão tagarelas que é preciso dispersá-los a golpes de porrete (KANT, 1980, p. 505)

Essa fala denota não apenas uma supremacia eurocêntrica como também traz explicitamente a violação do outro, uma violência que se contrapõe ao conceito posto do que vem a ser a filosofia ocidental. A naturalização de uma pseudo supremacia branca em detrimento do povo negro é assustadoramente desumana. Além disso, o desprezo com a religiosidade, a sacralidade, a cultura, ao tratar por ordinárias as coisas que lhes são caras e pertinentes culturalmente, é outra forma de violência e desrespeito. Sabedoria e violência são coisas opostas!

Somet (2016, p. 84) afirma que poderia citar diversos outros pensadores ocidentais como Hume e Voltaire que escreveram absurdos desumanos sobre o povo negro do continente africano. Ele tece severas críticas, com razão, a Filosofia ocidental praticada nas instituições de ensino e assevera que os textos que tratam do pensamento filosófico africano “permanecem habitualmente ocultados pela crítica filosófica, tal qual é praticada na instituição universitária e até mesmo no ensino médio” (SOMET, 2016, p. 84).

O filósofo Husserl oferece uma visão um pouco diferente acerca do pensamento fora da Grécia, reconhecendo as contribuições de outros povos para a Filosofia, embora não faça referência direta ao continente africano, fazendo parecer que o Egito, por exemplo, seja fora da África. Ele afirma que

a Filosofia, a Ciência dos Gregos, não é para eles emblemática, não é algo que com eles por vez primeira tivesse vindo ao mundo. Ao fim ao cabo, eles próprios nos falam dos sábios egípcios, babilônios, etc., e aprenderam, de facto, muitas coisas com eles. Possuímos, hoje em dia, uma profusão de

trabalhos sobre a Filosofia Indiana, a Filosofia Chinesa, etc., nos quais estas são postas no mesmo plano que a Filosofia Grega e são tomadas como simples informações históricas diversas no interior de uma mesma ideia de cultura (HUSSERL, 2008, p.24)

O sociólogo moçambicano Carlos Serra (2015) afirma que foi a filosofia hegeliana uma das responsáveis pela construção de uma imagem negativa da história africana e pela conversão racial do povo africano, e que o espírito colonizador, através de seu sistema opressor, tenta extirpar a identidade negra através de sua degradação e desumanização. Esse colonialismo opressor deixou, como afirma o autor, “alguns hábitos tenazes” (SERRA, 2015, p. 9) transformando a discussão em um constante campo de luta para a afirmação identitária da razão e do pensamento africano, desconstruídos por uma invenção do ocidente.

A tentativa de negar a contribuição do povo negro para a humanidade é uma realidade verificável historicamente. Quando se assume uma contribuição oriunda do continente africano, se nega a negritude, citando o Egito como se este não fizesse parte do continente africano ou branqueando a pele dos negros para deixa-los ‘menos negros’ ou negar sua etnia, numa tentativa de “branquear o Egito” (KAKOSI, 2018). Os gregos beberam do conhecimento do povo africano, mas não creditaram as informações, sequer as hibridaram, mais parecendo que se apropriaram e anularam suas fontes.

Em todos os cenários de afirmação do conhecimento filosófico africano, pode-se perceber reações de negação, em diversos autores ao longo da história da filosofia ocidental, no entanto, a negação de uma Filosofia africana contraria a base do conhecimento de um dos precursores da Filosofia ocidental, tendo em vista que Sócrates (399 a.C), que em vida nada escreveu, muito embora tenha elaborado e sistematizado pensamentos complexos para a época, como é o caso da maiêutica, o também conhecido como ‘parto das ideias’, além de relacionar seu pensamento com as ideias inatas, aquelas presentes na alma, partia de uma especulação onde o seu interlocutor já possuía um conhecimento e portanto, não havia o ser sem conhecimento. Além disso, o pensamento socrático só é conhecido através dos seus seguidores que incorporaram o seu pensamento aos seus escritos filosóficos. Aliás, acerca disso, Reale (1997) propôs uma nova interpretação de Platão, baseado nas chamadas ‘doutrinas não escritas’, onde há clara exaltação à dialética e ao diálogo verbal, tão caro durante o período platônico. De tal forma, se consolida o pensamento eurocêntrico como sendo o único conhecimento possível, fato repercutido na academia, e, por conseguinte, tem-se a negação de uma Filosofia africana, criando-se uma barreira entre a Filosofia ocidental - antropocêntrica - e a Filosofia de África - biocêntrica.

Considerações gerais acerca de uma filosofia Africana:

A filosofia africana ocupa um lugar de saber subjugado, um saber sujeitado, empregando um termo utilizado pelo filósofo Michel Foucault (2002) ao falar dos saberes desqualificados, inferiores ou insuficientes. Para Flor do Nascimento (2016) o que está em jogo é uma Filosofia antirracista relacionada às questões identitárias:

O que é a filosofia africana? ganham contornos em um determinado contexto, associadas com a proposta de uma desconstrução de uma certa faceta do racismo e, conseqüentemente, com a estruturação de outra política do conhecimento e do pensamento assim como, também, relacionadas com um debate sobre os processos de subjetivação, em torno da trajetória histórica que fez e faz com que chegássemos a ser o que hoje somos (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 204).

A questão por trás da negação de uma filosofia africana denota um preconceito étnico que traz consigo desdobramentos como o epistemicídio e o etnocídio, numa tentativa de sepultar a episteme africana que agoniza viva nas alcovas do esquecimento ocidental, embora esteja a florescer através de filósofos que compreendem o mundo de forma plural, como ele realmente o é.

Para Kajibanga (2015), em todo mundo, nos currículos filosóficos, se menciona a filosofia oriental ou mesmo filosofia de alguns países do ocidente em um recorte geográfico e cultural que não são questionados, no entanto, o mesmo não ocorre quando se trata de um recorte geográfico e cultural acerca do continente africano ou de países específicos deste. Essa filosofia geográfica, se é que se pode chamar assim, suscita “velhos fantasmas e preconceitos” (KAJIBANGA, 2015, p. 29) evidenciando que há muito mais um problema de ordem político-ideológico que filosófico. Esse é mais um fator grave de epistemicídio.

Outro fator de ordem político-ideológico a ser observado diz respeito a educação do negro que é feita para manter o ‘*status quo*’ da elite dominante, desejo típico dos países colonizados. Segundo Edward Wilmot Blyden (1994), a educação, foi feita num rito de conformação para a exaltação da cultura e dos intelectuais exógenos. A educação e os sistemas, para Mance (2015, p. 40), “reproduziam uma posição de passividade, colocando as populações negras em condição de espectadores passivos das ações dos outros povos”. Isso mostra o quanto essa questão precisa ser pensada sob vários aspectos e diversos ângulos. Uma análise acurada, inclusive a partir do período colonial que sob a pretensa missão humanista oprimiu e apagou

parte da cultura e da história, deixa claro essa opressão.

O debate sobre a filosofia africana começou nas últimas décadas a ser ampliado em busca de legitimação, visibilidade e afirmação. Nesse contexto surgem as ‘Semanas Filosóficas de Kinshasa’, capital e maior cidade da República Democrática do Congo, que vem corroborando com o debate fluido das ideias acerca do pensamento africano, desmontando a tese paradigmática de uma filosofia unicamente eurocêntrica. Os termos discutidos nesses eventos “consagram a noção de filosofia africana, até então postulada como uma mera hipótese” (KAJIBANGA, 2015, p. 14), transformando a escola Congoleza de Filosofia em uma referência sobre a história da filosofia africana. Outro espaço de (re)construção do pensamento filosófico africano no continente, segundo afirma Kajibanga (2015), é a Escola Moçambicana de Filosofia que tem sido ousada, inovadora e original na produção filosófica dos países cuja língua oficial é a portuguesa, atuando em torno de propostas que dialoguem sobre os paradigmas de desconstrução e reconstrução acerca da filosofia africana.

Urge a desdogmatização com o objetivo de desmarginalizar a filosofia africana (KAJIBANGA, 2015), questionando e re-situando o seu lugar epistemológico, incluindo-a e re-situando-a de forma inclusiva e plural, compreendendo que esta sempre esteve presente na Filosofia tradicional do ocidente. Além disso, é importante compreender que, através do conceito de ubuntu, assenta-se e sustenta-se a filosofia como um modo de vida, que existe desde sempre nas comunidades da África (KAKOSI, 2018).

Ubuntu: uma filosofia biocêntrica integralizadora

Ubuntu, no contexto político, é tido como um dos princípios fundamentais na Nova República da África do Sul e nos países subsaarianos como Zimbábue, onde tem sido usado como forma de resistência à opressão política, sendo, portanto, um conceito transversal que perpassa a visão do sujeito sobre o mundo, seja ela uma postura ética individual, uma postura política diante do outro, ou uma postura social diante da vida, pois, ubuntu é ser através do outro, é a consciência de pertença a algo maior (TUTU, 1999). É um desligar-se de si mesmo, do ser egóico para ver o outro no mundo, de forma que nesse aspecto o ubuntu chega a tocar a esfera espiritual, pois o outro é o ‘eu transcendente’, o *locus* onde o imanente transcende a si mesmo em um caráter de alteridade, de comunidade e, portanto, de humanidade.

Para Ramose (1999) o termo é a raiz da filosofia africana e está relacionada à política, à ética e à ontologia, sendo um processo dinâmico e relacional que retrata o caráter de

humanidade:

Filosoficamente, é melhor aproximar-se deste termo como uma palavra hifenizada, ubu-ntu. Ubuntu é atualmente duas palavras em uma. Consiste no prefixo ubu- e na raiz ntu. Ubu evoca a ideia da existência, em geral. Abrindo-se à existência antes de manifestar a si mesmo na forma concreta ou no modo de existência de uma entidade particular. Ubu, aberto à existência, é sempre orientado para um desdobramento, que é uma manifestação concreta, incessantemente contínua, através de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, ubu é sempre orientado para um ntu. (RAMOSE, 1999, p. 50)

Para Cunha Junior (2010, p. 26), no ubuntu, “temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva”. Segundo Dirk Louw (1995), o ethos ubuntu também abrange o aspecto religioso através da máxima zulu *umuntu ngumuntu ngabantu*, o que significa que uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas e seu conceito está ligado à ancestralidade, incluindo, portanto, o respeito pela religiosidade e a individualidade do outro.

Magobe Ramose (2002) explica que a ética do Ubuntu repousa sobre um sólido fundamento filosófico, onde “Ubuntu é a quinta categoria básica da Filosofia africana. É a categoria ética normativa que prescreve e, portanto, deve permear a relação entre muntu, kintu, hantu, e kuntu” (RAMOSE, 2002, p. 324).

O filósofo Jean Bosco Kakozi (2018) afirma, em entrevista dada ao site ‘Sul 21’¹³, que a Filosofia africana possui como conceitos fundadores os termos *Ubuntu* e *Ukama*, conceitos intrínsecos que, ao contrário da tradição ocidental, possui cosmovisão biocêntrica. Ele relaciona a palavra *Ukama* com a ancestralidade e a irmandade. Com relação ao termo *Ubuntu*, ele afirma ser baseado na ideia de humanidade, sendo a junção de duas outras palavras: ‘*ubu*’ – está associada à antologia e ‘*ntu*’ - que está associada a uma epistemologia: “a primeira acepção de ubuntu é o conjunto da realidade, de tudo que existe e pode ser conhecido, enquanto a segunda é o conjunto das pessoas, a humanidade. E os humanos vivem sempre relacionados com outras entidades cósmicas não humanas” (KAKOZI, 2018).

É possível perceber que ubuntu e ukama são uma marca identitária do povo africano subsaariano e que geram, juntos, um clima de espiritualidade metafísica que conduz a uma ética que visa fortalecer, cuidar, gerar e transmitir vida:

¹³ Disponível em <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-proteger-todas-as-formas-de-vida/>, acessado em 02 jan. 2019.

Ukama, um termo da língua xona (grupo de línguas africanas faladas nas províncias de Manica, Tete e Sofala de Moçambique, na metade norte do Zimbabwe e no leste da Zâmbia), é um conceito que vem do verbo “kama” que, em português, significa ordenhar, tirar o leite de uma vaca ou de uma cabra. Desse verbo saiu um substantivo que é “hama” e que significa uma pessoa que eu considero muito próxima. A ideia é que essa pessoa se alimentou do mesmo leite materno que eu. Há um vínculo afetivo muito forte aí. “Ukama” é a abstração de “kama” ou “hama”, expressando uma relação de irmandade, uma relação afetiva forte. (...) Ukama está conectado com Ubuntu, com a ideia de humanidade e de relação com os outros seres. Ukama traz para Ubuntu essa afetividade que é elevada também a outro patamar, que é a afetividade com a natureza. O “hama” nos liga com nossos ancestrais, que são muito importantes na cosmovisão africana. Nas religiões africanas, os ancestrais são uma figura central. Eles são a ligação entre os vivos, os mortos e os ainda não nascidos, sendo representados por totens não humanos. Pode ser um pássaro, uma árvore, são elementos da natureza. Nós também os consideramos como “hama”, como nossos irmãos que beberam o mesmo leite materno que nós (KAKOZI, 2018).

No contexto do pensamento africano, isso indica que o sujeito se caracteriza pela humanidade com seus semelhantes através da veneração aos seus ancestrais, de forma fraterna e com compaixão, e aqueles que compartilham do princípio do Ubuntu no decorrer de suas vidas continuarão em união com os vivos após a sua morte.

Ubuntu (a Zulu word) serves as the spiritual foundation of African societies. It is a unifying vision or world view enshrined in the Zulu maxim *umuntu ngumuntu ngabantu*, i.e. "a person is a person through other persons" (Shutte, 1993:46). At bottom, this traditional African aphorism articulates a basic respect and compassion for others. It can be interpreted as both a factual description and a rule of conduct or social ethic. It both describes human being as "being-with-others" and prescribes what "being-with-others" should be all about. As such, Ubuntu adds a distinctly African flavour and momentum to a decolonized assessment of the religious other. In fact, the various overlaps between such an assessment and the African way of life as described/prescribed by Ubuntu, make this assessment nothing but an enactment of the African Ubuntu¹⁴ (LOUW, 1998, p. 2)

Segundo Desmond Tutu (2004), Ubuntu é a essência do ser humano, está relacionado com nossa interconectividade, a fraternidade, a compaixão e a abertura do espírito para a

¹⁴ Trad. Livre: Ubuntu (uma palavra zulu) serve como base espiritual das sociedades africanas. É uma visão unificadora ou visão de mundo consagrada na máxima zulu *umuntu ngumuntu ngabantu*, ou seja, "uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas" (Shutte, 1993: 46). No fundo, este aforismo tradicional africano articula um respeito básico e compaixão pelos outros. Pode ser interpretado como uma descrição factual e uma regra de conduta ou ética social. Ambos descrevem o ser humano como "ser-com-outros" e prescreve o que "ser-com-outros" deveria ser. Como tal, o Ubuntu adiciona um sabor e impulso distintamente africanos a uma avaliação descolonizada do outro religioso. De fato, as várias sobreposições entre tal avaliação e o modo de vida africano, conforme descrito / prescrito pelo Ubuntu, tornam essa avaliação apenas uma promulgação do Ubuntu africano.

existência¹⁵. Ele coloca o conceito como uma teologia do ubuntu por se opor à segregação e à violência, de forma que o perdão seja o único caminho para se alcançar a justiça e o equilíbrio, numa tentativa de conexão com a espiritualidade em um caminho de respeito a ancestralidade, em um ethos moral condizente com o próprio cristianismo e outras religiões, solidificando a tradição africana da ancestralidade, da espiritualidade, do respeito, da compaixão e da fraternidade com o outro e com o lugar que habita.

Para compreender melhor o que vem a ser o ubuntu, deve-se partir do princípio de um pensamento integralizador, com uma cosmovisão macro, que integre razão e sensibilidade, termos estes separados na filosofia ocidental moderna, cujo marco se deu através do pensamento cartesiano de René Descartes. Aliás, o ubuntu é uma oposição ao pensamento cartesiano do filósofo francês do século XVII que estabeleceu a chamada *res cogitans* (coisa pensante) que é o sujeito pensante, que encontra obstáculo numa *res extensa* (coisa extensa) que é o corpo. Talvez esse tenha sido o momento de maior ruptura entre a filosofia eurocêntrica e a cosmovisão filosófica africana, em um claro distanciamento onde se opõe de um lado o antropocentrismo ocidental e, do outro, o biocentrismo africano, cuja compreensão é que todas as formas de vida são igualmente importantes, não sendo a humanidade o centro da existência.

O filósofo Leopold Senghor foi um dos pensadores que articulou o pensamento do “conjunto de valores do mundo negro, com suas implicações ontológicas, epistemológicas e políticas” (MANCE, 2015, p.43), para ele, a episteme e a filosofia negra tem um sentido de conhecimento diferente do ocidente, um conhecimento integralizador da razão e da emoção, de forma que o sujeito não apenas vê o objeto, mas também o sente, portanto, “sujeito e objeto estão mutuamente afetados no ato do conhecimento” (MANCE, 2015, p. 46).

Nas entrelinhas dos escritos de Leopold Senghor o ubuntu está presente enquanto uma filosofia da alteridade, onde o sujeito é através do outro: “Eu sinto o Outro, eu danço o Outro, então eu sou” (SENGHOR, 1964, p. 259). A grafia da palavra ‘Outro’ com caixa alta evidencia a importância do ‘Outro’ no ‘Eu’. Além disso, seus textos mostram uma filosofia com um ‘status’ político onde o social e a democracia são indissociáveis no avanço para a emancipação das populações africanas, i.e., o conceito do ubuntu em sua cosmovisão político-social converge para o sentido de solidariedade, de alteridade, onde a existência é uma partilha social, comunitária, um ideal de “civilização do universal, simbiose de todas as civilizações diferentes”

¹⁵ Trecho de entrevista - Receita de Desmond Tutu para a paz – Disponível em <https://www.beliefnet.com/Inspiration/2004/04/Desmond-Tutus-Recipe-For-Peace.aspx?p=2>. Acesso em 14 jan. 2019

(SENGHOR, 1977, p. 12), um ideal de humanidade.

A filosofia africana do Ubuntu gira em torno da compreensão de uma ontologia, de uma ética e uma epistemologia, sendo sua estrutura epistemológica, segundo Kakosi (2018), Nascimento (2016) e Senghor (1977), mais abrangente que a Filosofia tradicional eurocêntrica, por compreender uma cosmovisão onde a antropologia, a sociologia, a política e a economia encontram lugar para se expressar através do Ubuntu (KAKOZI, 2018).

Kakosi (2018) assegura que a grande diferença entre a cosmovisão ocidental e a cosmovisão africana gira em torno da questão da alteridade presente no ubuntu. Para ele, a Filosofia ocidental tem sua base no ‘*res-cogitans*’ cujo fulcro é o ‘EU’, enquanto na cosmovisão africana, é o ‘nós’ que prevalece, é a solidariedade, a fraternidade e o ‘eu’ está incluso no ‘nós’, no coletivo. Prevalece o ‘eu sou porque nós somos’, de Desmond Tutu. Nesse sentido, os princípios da cosmovisão africana abrangem uma unidade moral e coletiva, o ethos ubuntu.

Conclusão

A utilização do termo ‘filosofia africana’ tem gerado controvérsias em países do próprio continente africano e fora dele. Dentre os argumentos utilizados para sustentar essas controvérsias, segundo Kajibanga (2015), é que a filosofia deve deixar de ser nomeada como ‘africana’ para ser, simplesmente, filosofia, conotando uma natureza preconceituosa de sustentação argumentativa, tendo em vista que ela pode ter outro recorte geográfico. No entanto, apesar das controvérsias e das barreiras argumentativas, a filosofia africana ganhou “autonomia, estatuto próprio e direito à cidadania e epistemologia. Já faz parte do léxico acadêmico intelectual” (KAJIBANGA, 2015, p. 29).

O estatuto epistemológico da Filosofia africana, embora não seja compartilhado dentro da tradição da história da Filosofia ocidental, cuja narrativa afirma que só na Grécia antiga os homens começaram a tentar explicar o mundo à sua volta de uma forma lógica e racional, é um campo do conhecimento que precisa ser explorado, tanto em seu caráter histórico, social, humano, ético e religioso, quanto em seu caráter epistemológico em si mesmo. Ela não é uma dialética de desenvolvimentos teóricos cuja finalidade seja uma síntese obtida a partir de argumentos, ela é uma filosofia que, segundo,

Mance (2015), precisa ser libertada do servilismo das tragédias colonialistas, tendo em vista que a

reflexão filosófica que caracteriza parte do pensamento africano busca recuperar um sentido verdadeiramente humano, soterrado sob a negação de liberdade, sob a vivência inautêntica dos códigos de cultura dominantes, sob a tragédia cotidiana da pobreza e da miséria das maiorias excluídas – os condenados da terra. Trata-se de uma filosofia autêntica que afirma, de modo rigoroso e consistente, que nenhum ser humano pode ser usado ou humilhado, transformado em objeto útil, reduzido a uma coisa que se explora e se descarta (MANCE, 2015, p. 74)

Dentro do seu arcabouço filosófico encontramos a palavra Ubuntu, que tem seu sentido carregado de existência e humanidade por ser uma ética que permeia as relações entre humanos, e entre humanos e não-humanos, e que de uma forma abrangentemente humanista, inclui em si conceitos como empatia, alteridade, compaixão, solidariedade, ancestralidade e espiritualidade, estando, conectada ao sensível e ao inteligível concomitantemente, fato este que se choca com o conceito elegido pelo pensamento filosófico eurocêntrico.

O contexto da filosofia africana no que tange ao guarda chuva do estatuto epistemológico da filosofia eurocêntrica, deixa claro que é necessário um aprofundamento nas questões que envolvem a filosofia africana para lhe conferir o merecido ‘status’ dentro do arcabouço geral de uma filosofia e para isso, é necessário entender a conjuntura histórica e histórico-filosófica pela qual ela foi colocada à margem do conceito da tradicional filosofia ocidental. De tal forma, é oportuno que exercitemos nosso ubuntu e pensemos de forma macro seus conceitos, bem como os nossos, para ressignificar o que tradicionalmente foi negado ou lido de forma superficial e que tomou corpo através de análises rasas ou mesmo carregadas de preconceito, e foi sendo repetidamente interpretado ao longo dos séculos.

Urge a necessidade de reconstruir essa narrativa diaspórica da epistemologia africana, contestando pensamentos que maculam a história da humanidade, com a consciência de que o eurocentrismo colonizador impôs valores dogmáticos e asfixiantes sobre outras possibilidades de pensamento filosófico que lhe fosse diferente.

Referências

BLYNDEN, Edward W. **Christianity, Islam and the Negro Race**. Baltimore: Black Classic Press, 1994.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Ntu**: Introdução ao Pensamento Filosófico Bantu. Revista Educação em Debate. Fortaleza. v. 1, n 59, ano 32 – 2010. p. 25-40. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15998/1/2010_art_hcunhajunior.pdf. Acesso em 18 set. 2018

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Tecendo mundos entre uma educação antirracista e filosofias afro-diaspóricas da educação**. In.: KOHAN, Walter Omar; LOPES, Sammy William; MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro (orgs.). O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita – 1 ed – Rio de Janeiro: NEFI, 2016

FOUCAULT, Michael. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collegio de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2002

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Brasília: Editora Unb. 1995.

_____. **The Philosophy of History**. Prefaces by Charles Hegel and the Translator, J. Sibree, M.A. Canada: Batoche Books, 2001.

_____. **Introdução à História da Filosofia**. Lisboa: Edições 70. 1970.

HUSSERL, Edmund. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Trad.: Pedro M. S. Coleção Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008

KANT, Immanuel. **Observations sur le sentiment du beau et du sublime**. In Oeuvres philosophiques. Paris: Gallimard/NRF, 1980, vol I.

KAKOZI, Jean Bosco. **Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida**. 2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-protger-todas-as-formas-de-vida/>. Acesso em 02 jan. 2019.

KAJIBANGA, Victor. **Notas sobre a “problemática” da filosofia africana**. In: SERRA, Carlos. O que é filosofia africana? Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015. cap.1, p.11-38.

KAMERS, Fernando. **Pitágoras de Samos e o Teorema de Pitágoras**. 2008. TCC (licenciatura em matemática). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

LATOURETTE, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Trad. Sandra Moreira . EDUSC: São Paulo, 2002

_____. **Jamais Fomos Modernos**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

LOUW, Dirk J. **Decolonization as postmodernization**, p. 67-73. In.: J.G. Malherbe. Decolonizing the mind. Pretoria: Research Unit for African Philosophy, UNISA, 1995.

_____. **Ubuntu: an african assessment of the religious other**. 1998. Disponível em: <https://www.bu.edu/wcp/Papers/Afri/AfriLouw.htm>. Acesso em 11 jan. 2019.

MANCINI, Euclides André. **Filosofia Africana – Autenticidade e libertação**. In: SERRA, Carlos. O que é filosofia africana? Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015. cap.2, p.39-76.

OBENGA, Theophile. **Ancient Egypt and Black Africa**. London: Karnak House, 1992.

PLATÃO. **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Ed. Martin Claret, 1997.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu**. Trad. Éder Carvalho Wen. RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

_____, Mogobe. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: filosofia antiga**, v. 1. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

_____, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1997. 640 p.

ROSA, Ellen Aparecida de Araújo. **Rekhet – A Filosofia antes da Grécia: Colonialidade, Exercícios Espirituais e o Pensamento Filosófico Africano na Antiguidade**. 2017. Dissertação (Mestrado em filosofia). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SERRA, Carlos. **O que é filosofia africana?** Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015.

SOMET, Yoporeka. **A África e a filosofia**. Revista Sísifo – v. 1, nº 4, Novembro. 2016. Disponível em: www.revistasisifo.com. Acesso em 11 jan. 2019.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade**. Salvador: Ed. EDUFBA/Pallas, 2004

SENGHOR, Leopold Sédar. **Négritude et civilisation de l'Universel**. Paris: Seuil, 1977.

TUTU, Desmond. **Il n'y a pas d'avenir sans pardon**. Paris: Albin Michel, 1999.

_____, Desmond. **Receita de Desmond Tutu para a paz** – Disponível em <https://www.beliefnet.com/Inspiration/2004/04/Desmond-Tutus-Recipe-For-Peace.aspx?p=2>. 2004. Acesso em 14 jan. 2019